

**Sons de Nordeste, invenções de gênero:
o dispositivo pedagógico da nordestinidade e suas atualizações no forró eletrônico**

Marlécio Maknamara*
Marlucy Alves Paraíso**

Resumo: O Nordeste é inventado por diferentes demarcações discursivas e não-discursivas. Essa invenção, por sua vez, não se faz sem uma distribuição diferencial dos modos de ser nordestino e nordestina, culminando em diversificados processos de subjetivação. No presente trabalho parte-se do pressuposto de que tais processos se dão em associação a um dispositivo que ensina os indivíduos a tornarem-se sujeitos dotados de nordestinidade. O argumento desenvolvido é o de que há um “dispositivo pedagógico da nordestinidade” que tem em *gênero* uma de suas principais linhas de força e na experiência musical do forró eletrônico um campo privilegiado de sua atualização. Para tanto, este trabalho apresenta o conceito foucaultiano de dispositivo no intuito de fundamentar o entendimento de “dispositivo pedagógico da nordestinidade” e explicita pontos-chave dos estudos de gênero, visando a subsidiar futuras explorações acerca da produção de subjetividades generificadas no forró eletrônico.

Palavras-chave: Nordestinidade; forró eletrônico; gênero.

Abstract: Brazilian Northeast is constructed by different discursive and non-discursive demarcations. This construction, then, doesn't occur without a differential distribution in the ways of being northeastern, taking a final point in different processes of subjectivation. This article starts at the meaning that those processes take place in association with a dispositive in which individuals learn to be subjects of northeastern identity. It argues that there is a pedagogical dispositive of northeastern identity which takes in gender one of his most important lines of force and in forró eletrônico's musical experience an important field of actualization. In this way, the article presents the foucauldian concept of dispositive aiming at expliciting “pedagogical dispositive of northeastern identity” and explicitates key topics in gender studies, as part of an objective in researching gendered subjectivities' construction by forró eletrônico.

Keywords: northeastern identity; forró eletrônico; gender.

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação/FaE/UFMG e membro pesquisador do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas) da UFMG.

* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação/FaE/UFMG, pesquisadora do CNPq e coordenadora do GECC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas) da UFMG..

Introdução

Cachaceiros e cachaceiras, raparigueiros, fuleiras, lobos, mulheres-avião, arrochados e arrochadas, mulheres-eletricistas, mulher tranqueira, cafuçus, doentes, feras indomadas, cão-sem-dono, vagabundos, perdidas, padrões exigentes, mulher-do-babado, homem fatal, bolas divididas, bêbados virados, bichinhas arrumadas, galinhas, feras soltas, cornos, tontos, loucos e loucas, gostosas, cabras safados, vencedores, diferentes, carregados e carregadas, amantes, ficantes, mulher-boia, homem-biscoito e bad-boys... Estes são apenas alguns dos novos e diversificados nomes usados pelas músicas de forró de maior sucesso na atualidade para falar de homens e mulheres. Tais nomes, adjetivos ou “modos de ser” são apresentados cotidianamente nas inúmeras músicas de forró tocadas em diferentes espaços, onde “dança feio” quem pensa que o forró eletrônico serve simplesmente para cantar, dançar e se divertir.

Inspirado do conceito de “experiência musical” de Damasceno (2008), o presente trabalho entende que o forró eletrônico não apenas está no cotidiano de nossas vidas, mas que ele “redimensiona a própria vida” e se constitui “em um vasto território de subjetividades e sentidos” (*ibidem*, p. 12). Tal dimensão constitutiva será aqui enfatizada naquilo que é ensinado pelo forró eletrônico – um estilo de forró que emergiu no cenário da música nacional em meados da década de 1990 e que atualmente é responsável por grande parte do sucesso deste gênero musical que desponta como o preferido de um quarto da juventude brasileira, conforme pesquisa divulgada pelo jornal Folha de São Paulo¹.

Ao reconhecer que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18), busca-se aqui significar o forró eletrônico como atualização de um dispositivo que ensina os indivíduos a tornarem-se sujeitos dotados de nordestinidade. O argumento é o de que há um “dispositivo pedagógico da nordestinidade” que tem na experiência musical do forró eletrônico um campo privilegiado de sua atualização e em *gênero* uma de suas principais linhas de força. Para tanto, é feita uma apropriação da idéia de que “o nordestino” é uma “figura em que se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 20) e do conceito de “dispositivo pedagógico” desenvolvido por Larrosa (1999) – que, por sua vez, se apropria do conceito de “dispositivo” de Michel Foucault – em relação à educação escolar. Finaliza-se com alguns fragmentos de músicas de forró eletrônico, no intuito de ilustrar algumas posições

¹ Em 27 de julho de 2008 o referido jornal publicou o caderno especial “Jovem Século 21”, no qual foi apresentado o “mais completo perfil do jovem brasileiro neste século 21” (Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/inde27072008.htm> [Acesso em 13/10/08]). Resultado de pesquisa do Datafolha em 168 cidades brasileiras, o caderno traz uma matéria intitulada “O Brasil do forró!”, onde é destacado que esse gênero musical desponta como o preferido de um quarto dos jovens brasileiros (Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj2707200830.htm> [Acesso em 13/08/08]).

de sujeito que estariam sendo disponibilizadas por meio dos seus investimentos discursivos em torno de gênero.

A nordestinidade como invenção

Não é difícil encontrar músicas de forró – sobretudo, no seu estilo tradicional – narrando o Nordeste ou aquilo que dele faria parte. Tido como “autêntica expressão” do que seria próprio dessa região geográfica, o referido gênero musical é pródigo em investir, descrever e lembrar personagens, eventos, espacialidades e sociabilidades “do Nordeste”. Por conseguinte, não é improvável que forasteiros e conterrâneos vejam em tal gênero uma espécie de “cicerone”, considerando que suas músicas costumam desenvolver um repertório de elementos julgados representativos daquela região. Mas o que seria o Nordeste?

Neste trabalho, em vez de se buscar uma definição pretensamente reveladora do que vem a ser o Nordeste, parte-se da idéia de que ele é uma região inventada historicamente. Como invenção, essa região é fruto de elaborações e repetições de textos e imagens que se voltam à produção do “Nordeste tal como ele é” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006). Em outras palavras, nas tentativas de se buscar explicitar aquilo que fidedignamente caracterizaria o Nordeste, termina-se por definir verdades para esta região. Foi assim que as elites agrárias da porção oriental do antigo “Norte” brasileiro, valendo-se dos efeitos estratégicos de definições que elas mesmas se empenharam em articular, participaram da composição de um espaço regional nordestino nos limiões do século XX (*ibidem*). Há, assim, uma rede de discursos que têm, historicamente, contribuído para a materialização de uma idéia de Nordeste, “sua geografia”, “sua história”, “seus costumes”, “seu povo”.

A referida invenção levou à constituição de uma “experiência de Nordeste”, em cuja associação não apenas essa região foi produzida, como também novos ideais, valores e comportamentos foram postos em circulação e disponibilizados para seus habitantes. Dito de outra forma, em torno de tal experiência, os habitantes da região inventada não apenas passam a ser denominados de “nordestinos”, mas são levados a se reconhecer como sujeitos de uma “nordestinidade”. Dessa forma, determinadas demarcações discursivas que no início do século XX concorreram para a elaboração do Nordeste terminaram por preparar o espaço onde viria se constituir a idéia de nordestinidade. Tal elaboração foi tributária, portanto, da “certeza da unidade regional e de seus habitantes” (*idem*, 2003, p. 159) e se construiu por meio dos novos códigos de sociabilidade e de sensibilidade engendrados no âmbito da invenção do Nordeste.

A nordestinidade, assim, se configura em torno de uma série de sentimentos produzidos em meio à fabricação da própria região que lhe dá suporte. Toda essa composição

tem ocorrido pela “repetição regular de determinados enunciados que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior” (*idem*, 2006, p. 24). Como experiência intrinsecamente atrelada a tal invenção, a nordestinidade é também “uma poderosa arma de poder assentada sobre uma vasta produção de saber, de imagens e de textos” (*idem*, 1996). Essa dimensão de produção traz consigo a possibilidade de que aquilo tido como modelo de nordestinidade seja historicamente ampliado, que algo anteriormente não considerado como nordestino passe a sê-lo, ou até que outras nordestinidades sejam forjadas, a depender do fluxo de forças envolvidas em tais modificações. É em decorrência desse caráter contingente que a nordestinidade pode ser pensada por meio da noção foucaultiana de “dispositivo”.

O dispositivo pedagógico da nordestinidade

Como a própria palavra sugere, um dispositivo *dispõe* algo em uma organização peculiar, dentro de uma racionalidade particular. Concorrendo para tal disposição, há toda uma rede que se estabelece entre “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2007a, p. 244). Também nesse sentido, um dispositivo pode ser visto como uma composição de linhas de diferentes tipos, as quais se submetem a derivações, se aproximam e se distanciam umas das outras (DELEUZE, 1999). Dessa forma, na malha da rede discursiva que instaura campos de racionalidade para uma determinada forma de visibilidade e dizibilidade da nordestinidade é possível identificar as linhas de um dispositivo, o *dispositivo da nordestinidade*.

Tratar do dispositivo da nordestinidade implica em esquadrihar a diversificação dos meios e a amplificação dos efeitos pelos quais o poder se exerce e se faz sentir em direcionamentos estratégicos acerca dessa nordestinidade. Isso porque em se tratando de qualquer dispositivo, deve-se considerar uma certa “manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las, etc” (FOUCAULT, 2007a, p. 246). É no sentido desses mecanismos de poder que as linhas do dispositivo da nordestinidade podem ser vistas direcionando formas de observar, de interpretar, de perguntar e de julgar aquilo que seria ou não típico do Nordeste. Tal direcionamento de um dispositivo, por sua vez, não prescinde de “configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam” (*ibidem*, p. 246). Assim, quando se tramam e acionam sentidos particulares

acerca do que compõe ou deveria compor uma experiência da nordestinidade, vê-se tecer a rede de poder-saber do dispositivo que lhe é correlato.

Se do funcionamento do dispositivo da nordestinidade decorre a invenção daquilo que é próprio ao Nordeste, certamente tal invenção não se faz sem a produção de sujeitos particulares a essa mesma região. Para tanto, devem ser acionadas linhas que estrategicamente cuidem da aprendizagem calculada dos efeitos desejados no âmbito da racionalidade atrelada àquele dispositivo. Em outras palavras, se a experiência da nordestinidade é contingente, historicamente inventada e reinventada, ela deve ser transmitida e aprendida por meio de um *dispositivo pedagógico da nordestinidade*. Quando se fala em “dispositivo pedagógico” quer-se destacar que nossas experiências não são meras decorrências de mediações pedagógicas. Há uma dimensão constitutiva naquilo que se aprende, em oposição à “crença arraigada de que as práticas educativas são meras 'mediadoras', onde se dispõem os 'recursos' para o 'desenvolvimento' dos indivíduos” (LARROSA, 1999, p. 37). Isso porque, numa apropriação do pensamento foucaultiano, o pedagógico não se limita a um simples veículo por meio do qual os indivíduos acumulam “evidências” acerca das coisas do mundo. Nesse entendimento, um dispositivo pedagógico visa à “constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas” (*ibidem*, p. 57).

Um dispositivo pedagógico tem a ver com aquilo que pensamos e fazemos, com nossas aptidões e formas de comportamento, enfim, com aquilo que nos tornamos. Por conseguinte, o *dispositivo pedagógico da nordestinidade* não apenas ensina o que supostamente constitui a nordestinidade, o que é preciso para ser visto como nordestino, mas também ensina a cada um o que é ser nordestino em sua individualidade. Dito de outra forma, tal dispositivo ensina indivíduos a aprenderem a ser sujeitos em relação às práticas que regulam a experiência da nordestinidade, a se reconhecerem como sujeitos dessa experiência e a exercerem sobre si mesmos um autogoverno de modo a selecionar e a controlar o que deve e o que não deve ser feito, dito e praticado para se tornar um sujeito nordestino. Em síntese, trata-se de aprender de que é constituída a dinâmica dessa experiência, de aprender a participar da mesma em termos de quem é cada um para os outros e para si mesmo, e de aprender o que é preciso pensar e fazer para ser reconhecido e reconhecer-se como nordestino.

Há, portanto, um dispositivo pedagógico da nordestinidade por meio do qual se aprende a definir os outros e a si mesmo como nordestino. Tal atualização se dá por meio de inúmeros enunciados e imagens que circulam nos mais diferentes artefatos culturais: há livros, filmes, novelas, revistas, festividades, músicas, etc, que vêm historicamente definindo e redefinindo o que é ser nordestino. Particularmente, o referido dispositivo vem sendo

emblematicamente atualizado por meio do forró eletrônico². Nesse sentido, tal estilo musical narra espaços, valores, estilos de vida, padrões de comportamento e festas que, dentre outros marcadores, são considerados “típicos da região Nordeste” e que “fazem parte da vida do nordestino”. Em contrapartida, dentro dos propósitos deste trabalho, entende-se que o forró eletrônico atualiza o referido dispositivo ao tomar *gênero* como temática privilegiada de suas músicas, o que será melhor discutido a seguir.

O dispositivo pedagógico da nordestinidade e o forró eletrônico: uma questão de gênero

“Gênero” emerge como uma categoria duplamente relevante para a problematização da produção de sujeitos nordestinos por meio do dispositivo pedagógico da nordestinidade. De um lado, porque gênero não consiste em um mero efeito de escolha, mas é parte do que decide qualquer sujeito (BUTLER, 1993), porquanto a própria figura do nordestino é elaborada em torno de relações de poder estreitamente ligadas a gênero (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003). Por outro lado, porque ocupa um lugar privilegiado nas temáticas das músicas de forró eletrônico, um estilo musical que desde a década de 1990 vem participando ativamente nas engrenagens da invenção do que seria próprio ao Nordeste. Por conseguinte, torna-se possível afirmar que gênero provavelmente constitui a principal linha de força do dispositivo pedagógico da nordestinidade que é atualizada por meio do forró eletrônico. Mas em que consistiria tal linha de força? De que maneira seus efeitos podem ser sentidos?

Como suporte do que aqui tem sido argumentado, tem-se a compreensão de gênero tal como em Louro (2007): como um conceito que diz respeito às múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades. Ao conferir centralidade à linguagem, os aportes pós-estruturalistas destacam que variados são os discursos que nos interpelam, orientam e constroem “ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente” (LOURO, 2008, p. 18) no sentido da construção de pressupostos de masculino e feminino. Assim, a ênfase sobre a produção discursiva das diferenças relativamente aos gêneros possibilitou a formulação de uma “teoria da performatividade de gênero”. Tal teorização, na qual a produção da filósofa pós-estruturalista Judith Butler tem grande destaque, vem argumentar pela fragmentação do sujeito e pela fluidez de suas experiências concernentes a gênero. Para Butler (2007, p. 154), “performatividade de gênero” deve ser entendida como uma “prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”. Tal noção amplia a compreensão acerca de nossa constituição como “sujeitos de gênero”, constituição esta que é discursiva e

² Para um detalhamento acerca do forró eletrônico como estilo do gênero musical *forró*, consultar os trabalhos de Cordeiro (2002), Madeira (2008; 2002) e Silva (2003).

que se dá também por meio de “instâncias como os meios de comunicação de massa, os brinquedos, a literatura, o cinema, a música”, em cujo interior “indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres” (MEYER, 2007, p. 17).

Não é difícil, portanto, encontrar no forró eletrônico investimentos discursivos que reforcem a argumentação aqui empreendida. Suas músicas têm falado do que um homem ou uma mulher é capaz sendo pobre ou rico/a; de quem pode ser considerado diferente, estranho e louco no que se refere a masculinidades e feminilidades; daquilo que é próprio a um homem e a uma mulher e do que compete a eles e elas em suas relações familiares, amorosas e de trabalho. Têm falado, em síntese, dos corpos adequados e necessários para ser ou não valorizado/a em termos de sua eficiência, seus desejos e sua sensualidade. A atualização da qual se está falando aqui é, portanto, marcadamente generificada. Sendo assim, é possível perguntar: O que conta em relação a “ser homem” e “ser mulher” quando se diz “me usa, me abusa pois o meu maior prazer é ser sua mulher”? Com base em que saberes e formas de raciocínio uma música em que se canta “você não vale nada, mas eu gosto de você” produz efeitos de verdade relativamente a gênero? Que mecanismos de poder estão em jogo ao se dizer “meu amor, eu não me importo, quero ser a sua amante a vida inteira” ou “que foi que eu fiz pra você mandar ‘os homi’ aqui vir me prender”? Que estratégias, procedimentos e técnicas são mobilizados para marcar o normal e o diferente quando se ouve “levante o dedo quem gostar de rapariga, levante o dedo quem for doido por mulher”? De que modo tecnologias de subjetivação são acionadas para construir posições de normalidade e diferença em termos de masculinidades e feminilidades ao se ouvir que “para amar uma mulher tem que fazer valer na cama, tem que fazer gostoso pro gozo virar lama”? Como tais técnicas e tecnologias são atreladas a estratégias de governo no sentido da fabricação de sujeitos de gênero por meio das músicas de forró eletrônico? Quais os desdobramentos daí resultantes em termos de produção de subjetividades?

Em atenção a estes e inúmeros outros investimentos discursivos, é possível perguntar sobre *como subjetividades generificadas vêm sendo produzidas por meio dos discursos das músicas de forró eletrônico*. As músicas aqui em questão poderiam ser analisadas mediante o emprego da análise discursiva, segundo inspiração de Michel Foucault. As análises empreendidas por Foucault no campo do discurso possibilitam colocar em cena as maquinações pelas quais somos fabricados como tipos particulares de sujeitos por meio das músicas de forró eletrônico. Em tais discursos, buscar-se-ia destacar tanto as regularidades discursivas quanto as descontinuidades que concorrem para a produção de verdades sobre sujeitos de gênero. Buscar-se-ia evidenciar como os discursos analisados produzem, repartem,

hierarquizam e combinam significados ligados ao masculino e ao feminino. Para isso, atentar-se-ia a quem nesses discursos nomeia e é nomeado, como também às formas como se dão tais nomeações. Seriam mapeadas as enunciações e interrogados os discursos buscando as técnicas e tecnologias acionadas para que seus ouvintes vivenciem tipos específicos de experiências de “ser homem” e de “ser mulher” e tornem-se tipos particulares de sujeitos. Seriam buscados, nesses discursos, quem é “o normal” e “o diferente” e como são produzidas a normalidade e a diferença no que se refere às masculinidades e feminilidades. Operacionalizando essa análise também com elementos da genealogia foucaultiana, atentar-se-ia à “constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto” (FOUCAULT, 2007b, p. 7) que, nas músicas investigadas, possibilitam investigar a produção de sujeitos de gênero em meio a relações de poder. Nesse sentido, se a genealogia implica em “apreender as perspectivas, desdobrar as dispersões e as diferenças, deixar a cada coisa sua medida e sua intensidade” (*idem*, 2007c, p. 29), constitui uma ferramenta de grande importância ao propósito de analisar a produtividade dos discursos do forró eletrônico sobre a constituição de subjetividades generificadas.

Considerações finais

Se hoje é possível dizer “nordestino” ou “nordestina” (ainda que com menor frequência nesta última), não o é senão por meio de um emaranhado de discursos e imagens que concorrem para a invenção de um sujeito que carregaria em si aquilo que seria típico do Nordeste. Essa invenção é acionada por meio de um dispositivo pedagógico da nordestinidade cujos ensinamentos incluem formas de observar-se, interpretar-se, julgar-se como nordestino. Nas engrenagens desse dispositivo, gênero tem sido a modalidade privilegiada pelo forró eletrônico para ensinar o repertório da nordestinidade.

Quando se lança uma escuta atenta aos discursos das músicas de forró eletrônico, nota-se uma insistente reiteração de imagens de gênero. Por isso diz-se que as referidas músicas são generificadas, uma vez que demandam de homens e mulheres ações, posturas e modos de ser distintos, desiguais e cambiantes. Por conseguinte, ao demandar, descrever, convocar e caracterizar, esses discursos também produzem posições de sujeitos distintas para serem ocupadas por homens e mulheres. Gênero, nestes discursos, não é apenas o componente privilegiado de suas temáticas, mas se afirma como importante dimensão da vida de seus ouvintes, disponibiliza racionalidades a partir das quais a audiência forrozeira pode pensar sua existência.

O dispositivo pedagógico da nordestinidade é, assim, inseparável de processos de subjetivação que, no forró eletrônico, funcionam mediante o acionamento de tecnologias de classificação e de divisão entre indivíduos e no interior de cada um deles. Tais formas de ver e de falar por meio dos mecanismos de poder do referido dispositivo são sempre contingentes, porque historicamente construídas. Dessa forma, a atualização do dispositivo pedagógico da nordestinidade pelo forró eletrônico não se dá sem a justaposição e/ou acréscimo de outros enunciados que vêm possibilitar a configuração da nordestinidade de outras formas. Cabe, portanto, atentar para os mecanismos e tecnologias de governo por meio dos quais o forró eletrônico nos torna nordestinos por meio de seus ensinamentos de gênero.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. 340 p.

_____. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Catavento, 2003. 256 p.

_____. As malvadezas da identidade. In: **Cadernos NUDOC/UFC**. Fortaleza, 1996.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 151-172.

_____. **Bodies that matter**: on the discursive limits of “sex”. New York: Routledge, 1993. 288 p.

CORDEIRO, Raimundo N. **Forró em Fortaleza na década de 1990**: algumas modificações ocorridas. 2002. 122 f. Dissertação (mestrado), Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

DAMASCENO, Francisco J. G. Experiências musicais: em busca de uma aproximação conceitual. In: DAMASCENO, Francisco J. G. & MENDONÇA, Amaudson X. V. (orgs.). **Experiências musicais**. Fortaleza: PMF/EdUECE, 2008. P. 11-28.

DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, E. et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1999. P. 155-163.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a. P. 243-276.

_____. Soberania e disciplina. In: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b. P. 179-191.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do Poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007c. P. 15-37.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In: **Pró-Posições**. Campinas, v. 19, n. 02, p. 17-23, 2008.

_____. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007.

MADEIRA, Márcio M. A. Os conjuntos de forró: dos trios às bandas. In: DAMASCENO, Francisco J. G. & MENDONÇA, Amaudson X. V. (orgs.). **Experiências musicais**. Fortaleza: PMF/EdUECE, 2008. 83-92.

_____. **Forró-Glocal**: a transculturação e desterritorialização de um gênero músico-dançante. 2002. 135 f. Dissertação (mestrado), Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 09-27.

SILVA, Expedito L. **Forró no asfalto**: mercado e identidade sociocultural. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003. 154 p.